

A POSIÇÃO DA LITERATURA TRADUZIDA DENTRO DO POLISSISTEMA LITERÁRIO¹

Por Itamar Even-Zohar

Trad. Leandro de Ávila Braga (UFRGS)

Apesar do amplo reconhecimento, entre os historiadores da cultura, do importante papel desempenhado pela tradução na cristalização das culturas nacionais, a pesquisa conduzida nessa área é ainda relativamente escassa. Via de regra, as histórias da literatura mencionam as traduções quando não há maneira de evitá-las, como quando tratam, por exemplo, da Idade Média ou da Renascença. Pode-se, é claro, encontrar referências esporádicas a traduções literárias específicas em vários outros períodos, mas essas são raramente incorporadas ao escopo histórico de forma mais coerente. Por conseqüência, dificilmente pode-se ter qualquer idéia da função exercida pela literatura traduzida na literatura como um todo ou de sua posição dentro dessa literatura.

Ademais, não há reconhecimento da possibilidade de existência da literatura traduzida como um sistema literário específico. O conceito que prevalece é mais o de “tradução” ou de “obras traduzidas” tratadas individualmente. Existe base para que se presuma diferentemente, ou seja, para que se considere a literatura traduzida como um sistema? Existe para a literatura traduzida o mesmo tipo de rede de relações culturais e verbais – dentro do que parece ser um grupo arbitrário de textos traduzidos – como aquele que de bom grado assumimos para a literatura original? Que tipos de relações devem existir entre obras traduzidas, que são apresentadas como fatos consumados, importadas de outras literaturas, retiradas de seus contextos originais e, conseqüentemente, neutralizadas do ponto de vista das disputas centro-periféricas? O meu argumento é que as obras traduzidas estabelecem ao menos dois tipos de relações: (a) na maneira em que seus textos-fonte são selecionados pela literatura alvo, dentro de princípios da seleção que nunca deixam de ser relacionados com o co-sistema nativo da literatura-alvo (para se dizer da forma mais cuidadosa possível); e (b) na maneira em que adotam normas, comportamentos e políticas específicos – em suma, em seu uso do repertório literário – que resultam de suas relações com os outros co-sistemas nativos. Tais relações não estão confinadas apenas ao nível lingüístico, mas também se manifestam em qualquer nível de seleção. Assim, a literatura traduzida pode possuir um repertório próprio, que até certo

¹ Este texto é uma revisão publicada em Even-Zohar 1990: 45-51 do texto baseado em uma conferência proferida no Colóquio Internacional “Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies”, na Universidad Católica de Lovaina, de 27 a 30 de abril de 1976, e posteriormente publicado em James S. Holmes et al. 1978: 117-127, sob o título “The position of translated literature within the literary polysystem”.

ponto seja mesmo exclusivo a ela. (ver Toury 1985 e 1985a.)

Parece que essas questões não apenas justificam que se fale sobre a literatura traduzida, mas tornam tal discussão imperativa. Não consigo ver de que forma qualquer esforço acadêmico para descrever e explicar o comportamento do polissistema literário em sincronia e diacronia pode avançar de forma adequada se tal não for reconhecido. Em outras palavras, concebo a literatura traduzida não apenas como um sistema integral dentro de um polissistema, mas como um sistema bastante ativo dentro dele. Mas qual a sua posição dentro do polissistema, e como essa posição se conecta com seu repertório global? Pode-se ficar tentado a deduzir, pelo papel periférico da literatura traduzida no estudo da literatura, que ela também ocupa permanentemente um papel periférico no polissistema literário, mas esse não é, de forma alguma, o caso. Que a literatura traduzida se torne central ou periférica, e que essa posição esteja conectada com repertórios inovadores (“primários”) ou conservadores (“secundários”), depende da constelação específica do polissistema a ser estudado.

II

Dizer que a literatura traduzida mantém uma posição central no polissistema literário é dizer que ela participa ativamente na modelagem do centro desse mesmo polissistema. Em tal situação, a literatura traduzida é, em geral, uma parte integral das forças inovadoras e está, portanto, propensa a ser identificada com eventos importantes na história literária no momento em que eles estão acontecendo. Essa situação implica que nenhuma distinção clara entre obras “originais” e “traduzidas” é mantida, e que são muitas vezes os escritores de maior prestígio (ou membros da vanguarda prestes a se tornar escritores de prestígio) que produzem as traduções mais apreciadas ou conspícuas. Ademais, em situações em que emergem novos modelos literários, a tradução é propensa a se tornar um dos meios de elaboração do novo repertório. Através das obras estrangeiras, novas características (tanto princípios como elementos), até então inexistentes, são introduzidas na literatura alvo. Essas características possivelmente incluem não apenas novos modelos de realidades para substituir uma realidade anterior e estabelecida que já não é efetiva, mas também toda uma gama de outras características, como novas linguagens (poéticas), ou técnicas e padrões composicionais. Fica claro que os próprios princípios de seleção de obras a serem traduzidas são determinados pela situação que rege o polissistema (alvo): os textos são selecionados de acordo com sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel supostamente inovador que podem assumir dentro da literatura alvo.

Quais são, então, as condições que dão origem a uma situação como essa? Parece-me que se podem discernir três casos principais, que são basicamente manifestações variáveis da mesma lei: (a) quando um polissistema ainda não se cristalizou, ou seja, quando uma literatura ainda é “jovem”, em processo de se estabelecer; (b) quando uma literatura é “periférica” (dentro de um grupo maior de literaturas correlatas), “fraca” ou as duas coisas; e (c) quando ocorrem pontos de virada, crises ou vácuos literários em uma dada literatura.

No primeiro caso, a literatura traduzida simplesmente satisfaz a necessidade de uma literatura mais jovem de pôr em uso sua recém-encontrada (ou renovada) linguagem em quantos tipos literários lhe for possível para torná-la funcional como linguagem literária e útil para seu público emergente. Como uma literatura jovem não pode, de imediato, produzir textos de todos os tipos conhecidos por seus produtores, ela beneficia-se da experiência de outras literaturas, e a literatura traduzida torna-se, dessa forma, um de seus sistemas mais importantes. O mesmo pode ser dito para o segundo caso, o de literaturas relativamente estabelecidas cujos recursos são limitados e cuja posição dentro de um grupo maior da hierarquia literária é geralmente periférica. Como consequência dessa situação, tais literaturas muitas vezes não desenvolvem a mesma gama completa de atividades literárias (organizadas em uma variedade de sistemas) observável em literaturas adjacentes maiores (que em consequência podem criar uma sensação de que são indispensáveis). Elas podem também não possuir um repertório que se percebe extremamente necessário perante – e em termos da presença – da literatura adjacente. Essa lacuna pode então ser preenchida, total ou parcialmente, pela literatura traduzida. Por exemplo, todo tipo de literatura periférica, em tais casos, pode consistir de literatura traduzida. Mas muito mais importante é a consequente limitação na habilidade de tais literaturas “fracas” de iniciar inovações em relação às literaturas maiores e mais centrais, tendo como resultado que uma relação de dependência pode se estabelecer não apenas em sistemas periféricos, mas no próprio centro dessas literaturas “fracas”. (Para evitar mal-entendidos, gostaria de mencionar que essas literaturas podem ascender a uma posição central de forma análoga à de sistemas periféricos que ascendem dentro de um dado polissistema, mas isso não pode ser discutido aqui).

Já que as literaturas periféricas do Ocidente tendem a ser idênticas às literaturas de nações menores, por menos palatável que essa ideia possa parecer, não temos escolha senão admitir que, dentro de um grupo de literaturas nacionais relacionáveis, como é o caso das literaturas européias, relações hierárquicas foram estabelecidas desde o começo dessas literaturas. Dentro desse (macro-) polissistema literário, algumas literaturas

assumiram posições periféricas, o que significa apenas dizer que elas foram, em grande parte, modeladas a partir de uma literatura exterior. Para tais literaturas, a literatura traduzida é não só um canal principal através do qual um repertório bem aceito é importado, mas também uma fonte de remodelagem e suprimento de alternativas. Então, enquanto as literaturas mais fortes ou ricas podem ter a adoção de inovações de alguma literatura periférica dentro de suas fronteiras apenas como mais uma opção, as literaturas “fracas” em tais situações freqüentemente dependem apenas de importação.

As dinâmicas dentro do polissistema criam pontos de virada, ou seja, momentos históricos onde os modelos estabelecidos já não são mais viáveis para uma geração mais jovem. Em momentos assim, mesmo em literaturas centrais, a literatura traduzida pode assumir uma posição central. Isso é ainda mais verdadeiro quando, num ponto de virada, nenhum item do estoque local é tido como aceitável, o que resulta num “vácuo” literário. Nesse vácuo, é fácil para que modelos estrangeiros se infiltrem, e a literatura traduzida pode, em conseqüência, assumir uma posição central.

É claro que no caso de literaturas “fracas” ou de literaturas que se encontram em constante estado de empobrecimento (falta de itens literários existentes em uma literatura adjacente ou em uma literatura estrangeira acessível) essa situação é ainda mais esmagadora.

III

Afirmar que a literatura traduzida pode manter uma posição periférica significa dizer que ela constitui um sistema periférico dentro do polissistema, geralmente empregando modelos secundários. Em tal situação, ela não exerce influência alguma nos processos maiores e é modelada de acordo com normas já convencionalmente estabelecidas por um tipo já dominante na literatura-alvo. A literatura traduzida, nesse caso, torna-se um fator importante de conservadorismo. Enquanto a literatura original contemporânea pode seguir desenvolvendo novas normas e modelos, a literatura traduzida adere às normas que foram rejeitadas ou recentemente ou muito anteriormente pelo (novo) centro estabelecido. Ela já não mantém relações positivas com a escrita original.

Um paradoxo altamente interessante manifesta-se aqui: a tradução, através da qual novas idéias, itens e características podem ser introduzidos em uma literatura, torna-se um meio de se preservar o gosto tradicional. Essa discrepância entre a literatura central original e a literatura traduzida pode ter evoluído de diversas formas, como quando, por exemplo, a literatura traduzida, depois de ter assumido uma posição central e inserido novos itens, perde contato com a literatura nativa original, que segue mudando, e torna-se,

daí em diante, um fator de preservação de um repertório inalterado. Assim, uma literatura que pode ter emergido como um modelo revolucionário pode seguir existindo como um *systeme d'antan* engessado, muitas vezes guardado fanaticamente por agentes de modelos secundários mesmo contra a menor das mudanças.

As condições que permitem esse segundo estado são, é claro, diametralmente opostas àquelas que permitem o estabelecimento da literatura traduzida como um sistema central: ou não ocorrem grandes mudanças no polissistema, ou essas mudanças não se efetuam através da intervenção de relações interliterárias materializadas na forma de traduções.

IV

A hipótese de que a literatura traduzida pode ser um sistema central ou periférico não implica em que ela seja sempre inteiramente um ou outro. Como sistema, a literatura traduzida é por si só estratificada, e do ponto de vista da análise polissistêmica, é muitas vezes do alto de seu estrato central que todas as relações dentro do sistema são observadas. Isso significa que, enquanto uma parte da literatura traduzida pode assumir uma posição central, outra pode manter-se bastante periférica. Na análise anterior, aponte a estreita relação existente entre os contatos literários e o status da literatura traduzida. Esse me parece ser o ponto central para a elucidação dessa questão. Quando há interferência intensa, é a porção da literatura traduzida derivada de uma literatura fonte maior que tende a assumir uma posição central. No polissistema literário hebreu do período entre guerras mundiais, por exemplo, a literatura traduzida do russo assumiu uma posição inequivocamente central, enquanto obras traduzidas do inglês, do alemão, do polonês e de outras línguas assumiram uma posição obviamente periférica. Além disso, já que as principais e mais inovadoras normas tradutórias foram produzidas a partir do russo, outras literaturas traduzidas aderiram aos modelos e normas elaborados por aquelas traduções.

O material histórico analisado até o momento em termos de operações polissistêmicas é muito limitado para fornecer quaisquer conclusões abrangentes quanto às chances de a literatura traduzida assumir uma posição específica. Mas trabalhos conduzidos nesse campo por vários outros estudiosos, assim como minha própria pesquisa, indicam que a posição “normalmente” assumida pela literatura traduzida tende a ser a periférica. Isso deve, em princípio, ser compatível com a especulação teórica. Pode-se assumir que, a longo prazo, nenhum sistema pode permanecer em um estado constante de fraqueza, “ponto de virada” ou crise, apesar de não se poder excluir a possibilidade de que alguns polissistemas podem manter tais estados por um tempo bem longo. Além disso,

nem todos os polissistemas são estruturados da mesma forma, e as culturas diferenciam-se significativamente. Por exemplo, é visivelmente claro que o sistema cultural francês, com a literatura francesa naturalmente inclusa, é muito mais rígido que a maioria dos outros sistemas. Isso, combinado com a longa posição central tradicional da literatura francesa dentro do contexto europeu (ou dentro do macro-polissistema europeu), fez com que a literatura traduzida na França assumisse uma posição extremamente periférica. O estado da literatura Anglo-Americana é comparável, enquanto as literaturas russa, alemã ou escandinava mostrariam padrões de comportamento diferentes nesse aspecto.

V

Que consequências a posição tomada pela literatura traduzida pode ter nas normas, comportamentos e políticas tradutórias? Como afirmei anteriormente, a diferença entre uma obra traduzida e uma obra original em termos de comportamento literário é uma função da posição assumida pela literatura traduzida em um dado momento. Quando a literatura traduzida assume uma posição central, as fronteiras estão difusas, de forma que a própria categoria de “obra traduzida” tem que ser estendida a semi- e quase-traduições. Do ponto de vista da teoria da tradução, penso ser mais adequado lidar-se assim com tais fenômenos do que rejeitá-los com base em uma concepção estática e a-histórica de tradução. Uma vez que a atividade tradutória participa, quando assume uma posição central, do processo de criar modelos novos e primários, a principal preocupação do tradutor, nesse caso, é a de não apenas procurar por modelos já prontos em seu repertório nativo para os quais os textos-fonte possam ser transferidos. Ao invés disso, ele está preparado para, em tais casos, violar as convenções da literatura alvo. Sob tais condições, as chances de que a tradução vá ser próxima ao original em termos de adequação (em outras palavras, uma reprodução das relações textuais dominantes do original) são maiores do que em contrário. É claro que, do ponto de vista da literatura-alvo, as normas tradutórias podem ser, por um tempo, demasiado estrangeiras e revolucionárias e, se a nova tendência for derrotada na briga literária, a tradução feita de acordo com seus conceitos e gostos nunca ganhará muito espaço. Por outro lado, se a nova tendência for vitoriosa, o repertório (código) da literatura traduzida pode ser enriquecido e tornar-se mais flexível. Períodos de grande mudança no sistema da literatura-alvo são de fato os únicos em que um tradutor está preparado para ir além das opções a ele oferecidas pelo repertório estabelecido na literatura-alvo e igualmente disposto a experimentar um tratamento diferente de fazer textual. Lembremos que, sob circunstâncias estáveis, itens inexistentes na literatura-alvo podem permanecer intransferíveis se o estado do

polissistema não permitir inovações. Mas o processo de abrir o sistema gradualmente aproxima certas literaturas e, a longo prazo, permite uma situação onde os postulados de adequação (tradutória) e as realidades de equivalência podem ser sobrepostos em um grau relativamente alto. Esse é o caso das literaturas européias, embora em algumas delas os mecanismos de rejeição têm sido tão fortes que as mudanças das quais estou falando ocorreram em uma escala bastante limitada.

Naturalmente, quando a literatura traduzida ocupa uma posição periférica, comporta-se de forma completamente diferente. Aqui, o principal esforço do tradutor é o de se concentrar em encontrar os melhores modelos secundários já prontos para o texto estrangeiro, e os resultados freqüentemente acabam sendo traduções inadequadas ou (como eu preferiria colocar) uma grande discrepância entre a equivalência alcançada e a adequação postulada.

Em outras palavras, não apenas o status sócio-literário da tradução depende da sua posição no polissistema, mas a própria prática tradutória está fortemente subordinada a essa posição. E, *a priori*, nem mesmo a questão sobre o que é uma obra traduzida pode ser respondida em termos de um estado idealizado, a-histórico e descontextualizado; ela deve ser determinada com base nas operações que governam o polissistema. Entendida dessa forma, a tradução deixa de ser um fenômeno cuja natureza e fronteiras são definitivamente percebidas, para se tornar uma atividade dependente das relações dentro de um dado sistema cultural.

Referências Bibliográficas:

Even-Zohar, Itamar. 1978. *Papers in Historical Poetics*. Tel Aviv: Porter Institute.

Even-Zohar, Itamar. 1990. "Polysystem Theory." In *Polysystem studies*. [=Poetics Today] 11:1. Durham NC: Duke University Press, pp. 9-26.

Holmes, James S, Jose Lambert & Raymond van den Broeck, eds 1978. *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 117-127.

Lambert, José 1975 "La traduction en France à l'époque romantique" *Revue de littérature comparée* 49 (3), pp. 396-412.

Lönnroth, Lars 1965. *European Sources of Icelandic Saga-Writing*. Stockholm: Thule.

Toury, Gideon 1985. "Translational Solutions on the Lexical Level and the Dictionary," in J. Tomaszczyk & B. Lewandowska-Tomaszczyk eds. *International Conference on Meaning and Lexicography: Abstracts*. Lodz: Uniwersytet Łódzki.

Toury, Gideon 1985a. "A Rationale for Descriptive Translation studies," in Hermans, Theo ed. *The Manipulations of Literature: Studies in Literary Translation*, pp. 16-41.

London: Croom Helm.

Гачечиладзе, Гиви 1972. *Художественный перевод и литературные взаимосвязи*. Москва: Советский писатель.

Жирмунский, Виктор 1924. *Байрон и Пушкин*. Ленинград: Академия [reprint Munich: Fink, 1970].

Левин, Юрий 1967. "Национальная литература и перевод". в *Актуальные проблемы теории художественного перевода 2*. Москва, pp. 79-90.

Тынянов, Юрий 1929. *Архаисты и новаторы*. Москва: Академия [reprint Munich: Fink, 1967].

Эткинд, Ефим 1973. *Русские поэты-переводчики от Тредиаковского до Пушкина*. Ленинград: Наука.